

TERRITÓRIO, FRONTEIRAS E O TEMPO QUE PASSA CÁSSIA NAVAS

**Publicado em Balé da Cidade de São Paulo, 2003.
Organização Cássia Navas, Formarte Editora, São Paulo.**

O território primeiro de um bailarino é o seu corpo, espaço onde reside a dança que ele faz, morando em sua memória em sentido amplo.

Através dele, cada intérprete lança-se no território da dança que este corpo realiza, aquela que vemos, nos palcos e outros espaços de sua realização.

A dança dos bailarinos, conjugação de tempo e espaço, desenvolve-se diante dos nossos olhos e com ela voltamos para casa. Fica sendo nossa dança, conosco permanecendo.

Entre a dança que reside no bailarino, aquela que ele dança e aquela que resta em nós, estabelecem-se mediações, que se instalam de acordo com cada época e lugar. Estabelece-se uma circulação contínua de emoções e pensamentos, todos eles reflexões sobre a humanidade e sobre sua condição primeira como espécie, determinada por nossos corpos, em suas dimensões físicas, psíquicas, espirituais.

O essencial território de cada bailarino - seu corpo -, tem que ser treinado de uma maneira específica e isto deverá ser feito durante anos e anos.

A casa de todos nós, limite e condição de nossa existência biológica, para os bailarinos é morada e instrumento de trabalho, visitado e revisitado a cada aula, montagem de obra, espetáculo em si.

Desta morada não se muda e este instrumento é único, construído desde a primeira infância e preparado, em permanência, para a profissão de dança.

As formas e temas da dança mudam com o tempo (que passa): novas exigências se apresentam, novos desafios, em uma espécie de corrida da arte em busca de um lugar em seu tempo contemporâneo, tempo de ritmo mais acelerado, tempo-velocidade da luz.

Nessa corrida, a compulsão por uma crescente performance física se dá pelo desenvolvimento das técnicas de treinamento, mas também em torno das correntes estéticas do contemporâneo da atualidade, onde uma padronização de modelos a serem dançados e um certo esgotamento de conteúdos dramaturgicos, deixa à performance física dos intérpretes, às vezes, quase que exclusivamente, a responsabilidade pelo brilho cênico.

O instrumento-corpo-território de cada bailarino vai se modificando com o tempo, como uma casa da qual não se muda, mas que se transforma.

E se as danças que residem neste corpo iluminam as atuações de uma arte mais profunda, a performance física não é mais a mesma, limitada pelas consequências do tempo, em sua passagem por todos nós.

Todavia, prenhes de mais memórias-corpo, frutos de tanta dança realizada, os intérpretes podem se dedicar a outros projetos, alcançando e ultrapassando outras fronteiras da arte.

Como isto fica visível para as platéias?

Num primeiro momento, através de sutilezas que se revelam a cada estréia, ou em obras que cada bailarino dança de novo.

Um olhar, um ralentar do ritmo, uma forma de girar, um instante de suspensão diferenciado no ápice de cada salto, que já não pode ser tão alto em relação ao solo, mas que se sustenta, enorme, através de uma espécie de sopro, fruto da experiência, fruto da maturidade.

Num segundo momento, em projetos onde o foco é a discussão e a realização de propostas para intérpretes com mais anos de carreira, grandes intérpretes que ultrapassado o período (ou a vontade) de um brilho linda e necessariamente ancorado na performance física, percebem-se num outro tempo (e espaço).

Um tempo no qual se pode cruzar outras fronteiras coreográficas, em propostas em que o experimentar será acolhido com mais tranquilidade, já que o território-corpo está mais do que garantido, posto que submetido a inúmeras provas.

A Companhia 2 do Balé da Cidade de São Paulo estrutura-se dentro desta proposta, à semelhança do que já acontecera no Nederlands Dans Theater, o grupo holandês capitaneado pelo genial tcheco Jirí Kylián, que inaugura os projetos para intérpretes mais experientes dentro das grandes companhias da dança ocidental.

Criada em 1999, a Companhia 2 do grupo paulistano tem como meta de, separadamente do que se chama Companhia 1, o elenco de bailarinos mais jovens, trabalhar com obras de cunho experimental, em tempos de pesquisa e investigação mais privilegiadamente preenchidos de inquietude e atenção.

A proposta de um agrupamento deste tipo já havia sido enunciada algumas vezes antes da estréia definitiva do conjunto, que desde a sua instauração vem sendo tratado de forma especial, num ajustamento constante de suas rotas em relação ao experienciado.

Nesta trajetória seus intérpretes já tiveram obras montadas pelo goiâno Henrique Rodovalho (Inacesso/1999), famoso pela alta performance física exigida de seus bailarinos, numa prova de fogo que resultou numa criação de características singulares e espetáculos como o de Cláudia Palma - o Deserto de Anjos (2002) -, onde o trabalho desenvolve-se numa superposição de conteúdos dramáticos em cena, num dos mais belos momentos da carreira deste grupo experimental.

A experimentação pressupõe o rompimento de barreiras e a fronteirização de territórios que em princípio estavam distantes entre si, muitas vezes meramente justapostos.

Ao abrir espaço para a Companhia 2, o Balé da Cidade de São Paulo, implode uma barreira significativa, ousadamente arriscando-se e a seus intérpretes.

Na memória desta companhia, reforçando esta ação em curso, se faz presente o Grupo Experimental de Dança, criado por Klauss Vianna, quando diretor do Balé. Formado por criadores-intérpretes da cena da cidade que atuavam fora de companhias de dança estruturadas à semelhança do grupo paulistano, dentro dele se construíram experiências diferentes. Rompiam-se barreiras, conjugando-se territórios-corpos diferenciados, promovendo-se fronteirização.

Assim como Klauss, os muitos pais e padrinhos da Companhia 2 do Balé da Cidade de São Paulo sabem que as articulações do passado, presente e futuro da dança passam necessariamente pela memória-corpo de cada um dos atores de sua construção: intérpretes, criadores, professores e maîtres de dança.

A importância do território-corpo de cada um destes atores é fundamental tanto no aqui e agora da realização de sua arte, quanto para a o futuro da dança e de sua

história, que também se grafa através de seus percursos, juntamente com outros registros como vídeos, notações, fotos, escritos e cd roms.

Na Companhia 2 trabalha-se com intérpretes iluminados por memórias-corpo em propostas renovadoras. O tempo passado se re-concretiza em propostas que ultrapassam fronteiras, através do experimento e da pesquisa, numa conjugação de presente e futuro.

Para isto, as origens estão sendo necessariamente revisitadas, aspectos originais da dança aparecendo a cada instante, novos em folha, repisando-se os passos de sua invenção.

Nos 35 anos do grupo oficial da cidade de São Paulo, a Companhia 2, poderia ser rebatizada de Companhia (marco) Zero, pois o tempo da experiência conjugado ao tempo do experimento coloca, de forma privilegiada, seus intérpretes num momento inicial, o momento inaugural da (re) invenção.

Os resultados desta invenção serão perpassados pelo tempo, muitas vezes corroídos por sua ação. Entretanto, a problematização do futuro da dança, através da discussão da profissão e arte de cada um destes intérpretes e das obras que para eles se realizam, inscrita já está na história da dança do planeta.